

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha		Assignatura conjuncta do Seculo, Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa	
Anno.....		PORTUGAL, COLONIAS E HESPAÑHA	
Semestre.....		Anno.....	8\$000
Trimestre.....		Semestre.....	4\$000
		Trimestre.....	2\$000
		Mez (em Lisboa).....	700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



Summario (Capa: A' ESQUINA (Cliché de Benoliel) • Textos OS JERONYMOS, 8 illustr. • GUERRA Á FARDA! 9 illustr. • A ALFACINHA, 11 illustr. • A GRANDE EXCURSÃO VENATORIA AO GEREZ, 1 illustr. • MAUD ALLAN, 8 illustr. • UM SANATORIO EM PENICHE, 9 illustr. • A FAMILIA REAL EM CINTRA, 1 illustr. • THEATRO AO AR LIVRE, 4 illustr. • PRAIA DA GRANJA: TIRO AOS POMBOS, 3 illustr. • • •

1849

BELLEZA DO ROSTO

O LEITE ANTEPELICO

ou Leite Candêdo

para os misturados com água, dissipa
Sardas, Têz Greçada
Pimples, Têz Greçada
Rosas, Sordidões,
Furunculose, Rugas
conspicuas e cutis lisa e clara

1849

1849

BELLEZA DO ROSTO

O LEITE ANTEPELICO

ou Leite Candêdo

para os misturados com água, dissipa
Sardas, Têz Greçada
Pimples, Têz Greçada
Rosas, Sordidões,
Furunculose, Rugas
conspicuas e cutis lisa e clara

1849

LOCÃO DEQUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na **Academia de Medicina de Paris** contra o microbio da Calvicie e todas as afecções do couro cabeludo.

L. DEQUEANT, Pharmacien, 38, Rue Clignancourt, Paris

Em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas.

A Venda em todas as boas casas do PORTUGAL.

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO D^r FRANK

CONTRA FALTA de APPETITE — PRISÃO de VENTRE OBSTRUÇÃO — ENXAQUECA — CONGESTÕES

SEM MUDAR os SEUS HABITOS, nem diminuir a quantidade dos alimentos, se tomou nas refeições e escilite o appetite.

Exijam a Etiqueta junta em 4 Cores.

T. LEROY, 36, Rue d'Amsterdam, Paris e todas Pharmacies.

COMPREM AS SEDAS SUISSAS

Pecam as amostras das nossas SEDAS NOVIDADES em preto, branco ou cor, de fr. 1,20 a fr. 18,50 o metro.

Especialidade: Messaline, Crêpe de chine, Taffetas chiffon, etc. para toilettes de passeio, de casamento, de baile e de soirées, assim como para blusas, forros, etc. Blusas e vestidos de cambrala e seda bordada.

Venhamos as nossas sedas garantidas solidas directamente aos consumidores e francas de porte a domicilio.

SCHWEIZER & C.^o
Lucerno E. H. (Suissa)
Exportação de sedas

DISPONIVEL

Livraria da CASA ANDRADE

DE

PAULA & ANDRADE

ACEITA CONSIGNAÇÃO DE LIVROS E REVISTAS DE QUALQUER PAIZ

R. Maciel Pinheiro, 25

PARAHIBA DO NORTE **BRAZIL**

Meio seculo de successo

ESTOMAGO

O Elixir do D^r Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente,

GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.

A' venda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil

Ph^o macie MIALHE, 8, rue Favart Paris

L'Epi'vite

L'Epi'vite

instantaneamente as penhuras desengracadas, a barba, os pelos os mais duros do rosto e do corpo. Não produz borbulhas, não irrita a pelle a mais delicada

M. A. GRAZIANI, Pharm^o de 1^a classe, 63, Rue Rambuteau, Paris.

4^a loja tipo: Portugal: CURIEL & DELIGANT, 19, R. do Arco a Jesus, Lisboa.

Preço do frasco pequeno 800 Reis e do frasco grande 1.400 Reis.

Só não tem cabelo nem barba quem quer!!



FAZEMOS NASCER cabelo aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias. Garante-se que não é nocivo. Remette-se com toda a discreção.

Muita gente, velha e nova, em todo o mundo, deve-nos a barba bonita e o cabelo abundante. Temos levado com o nosso **Balsamo Mootcy** a felicidade a milhares e milhares de pessoas. Um grande inventor recorreu a nós pedindo o nosso auxilio e não recorreu de balde! Homens notaveis e não notaveis, todos nos tem vindo pedir o nosso concurso. Em todos os paizes da Europa e America, em muitos logares da Africa e da Australia e o nosso **Mootcy** conhecido e apreciado. Póde-se por isso dizer, com verdade, que goste de fama universal.

O preço para o **Mootcy** é de **25515 réis** por porção (uma porção chega perfeitamente), o pedido de 3 porções, uma para a barba e outra para o cabelo, tem o preço especial de **44220 rs.**

Com cada porção vae um **CERTIFICADO de GARANTIA** pelo qual os obrigamos a dar outra vez o dinheiro recebido, se o remédio não der resultado algum.

Se isto não for verdade pagamos ao comprador a quantia de 300\$000 (trezentos mil réis).

Para prevenção contra as imitações e falsos remedios fazemos notar que todos os pacotes tem escripta a palavra **Mootcy**.

Envia-se diariamente para todas as partes, mesmo para as mais afastadas, com a explicação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia, em portuguez, contra pagamento adiantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega.

A's praças do exercito do ultramar só se envia o **Mootcy** se a ordem vier acompanhada da respectiva quantia em cheque sobre a Europa ou for expedida por casas exportadoras de Hamburgo.

MOOTCY DEPOT, Dltmr Koelstrasse, 3, Hamburgo, 133. O maior e mais importante estabelecimento da especialidade na Europa.

Companhia

***** DO *****

Papel do Prado

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianina e Sobrinho (Thomas), Feneo e Casal d'Herminio (Lousã), Valle Maior (Alberga), Valia e Velha. **

Escriptorios e depositos

LISBOA — 270, Rua da Princesa 275

PORTO — 49, R. de Passos Manuel, 51

Ende, telegr.: Lisboa, Companhia Prado, Porto — Lisboa, N. telephone, 505

O PASSADO, PRESENTE E FUTURO REVELADO PELA MAIS "ELÉBRE CHIROMANTE E PHYSIONOMISTA DA EUROPA"

Madame BROUILLARD



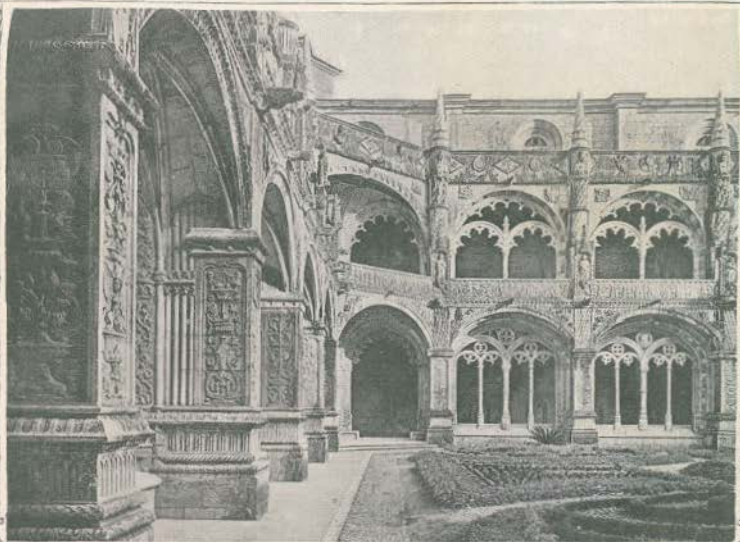
Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chronologia e physiognomia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroe, d'Arpignier, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 10 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: **43, Rua do Carmo, sobreloja—LISBOA.** Consultas a **4\$000** de **2\$500** e **5\$000** rs.

OS JERONIMOS

COMO OS ESTRANGEIROS SABEM VER AS NOSSAS OBRAS DE ARTE

Começou recentemente a publicar-se em Vienna uma obra que ficará sendo, porventura, o mais rico inventario documental da architectura portugueza. Continuamos, assim, a dever aos estrangeiros qualquer coisa boa que se faz a respeito da nossa arte, para não interromper a tradição que vem desde Rackzinski. De resto, apesar de uma larga serie de tentativas e esforços para desenvolver a cultura esthetica nacional, bem poucos

sahida a lume consta de um soberbo album de trinta admiraveis reproducções de photographias dos claustros dos Jeronimos. A edição émeticulosamente cuidada, sendo a impressão das gravuras primorosa. A serie das trinta estampas, de grande formato, é acompanhada como texto apenas por algumas ligeiras explicações preliminares do auctor, que não exceedem os limites de uma pagina, e por uma



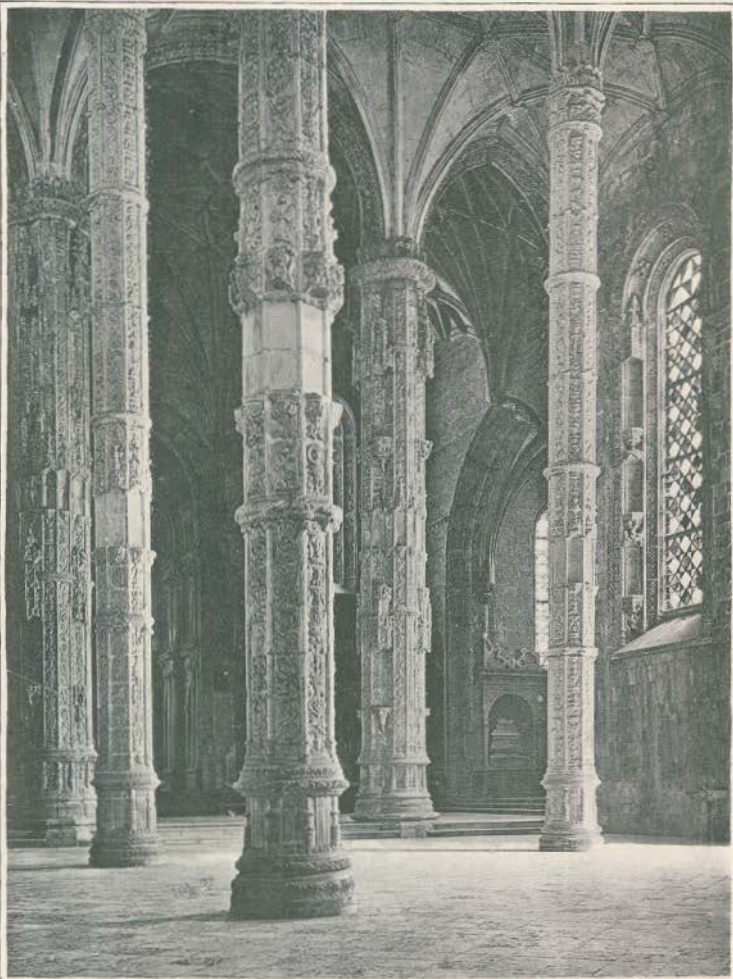
Claustro dos Jeronimos

são, cá, os que se occupam e interessam com assumptos artisticos. Muito é já que tenhamos conseguido restringir o antigo regimen de desbarato inconsciente e ignaro, que inutilisou ou deixou sair para fóra, durante um largo periodo, as bellas coisas que possuíamos, e que hoje figuram em varios museus e em muitas collecções particulares.

A publicação a que nos referimos intitula-se *Die Meisterwerke der Baukunst in Portugal* (As obras primas da architectura em Portugal) e esta sua primeira parte até agora

lista bibliographica, reveladora de bom conhecimento da litteratura do assumpto. Não ha parte critica, nem descriptiva; simplesmente a respectiva legenda por baixo de cada gravura, indicando laconicamente se se trata de um trecho do claustro, de um arco do primeiro andar, de um pilar ou de qualquer outro detalhe architectonico.

As photographias originaes que serviram para organizar esta publicação preciosa são devidas ao dr. F. W. Feilchenfeld, distincto medico austriaco e não menos distincto ama-



Pilares da igreja de Santa Maria de Belem

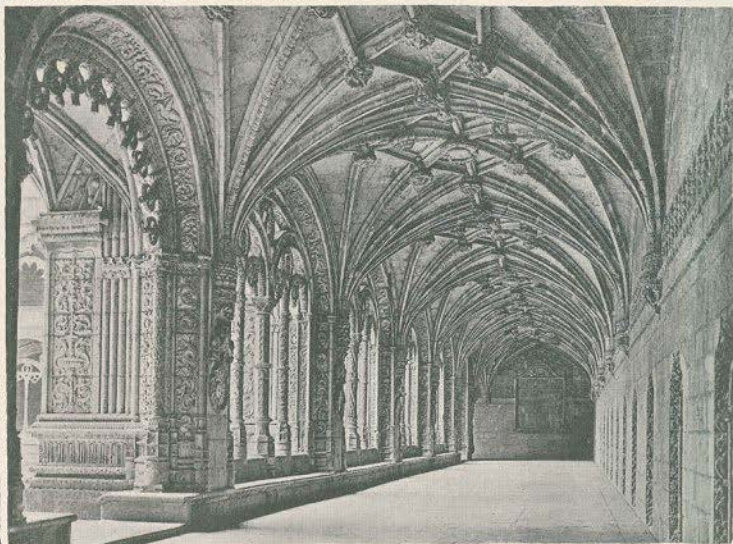
dor photographico, que ha pouco viajou no nosso paiz, e a quem os nossos panoramas, bem como as nossas reliquias architecturales, despertaram um apaixonado interesse. O dr. Feilchenfeld tirou cerca de tres mil clichés, e é d'essa vasta serie que foram escolhidos os que fazem parte d'este primeiro valioso album e que egualmente o serão os destina-

dos a compôr os volumes restantes. Foi para satisfazer ás instancias e pedidos de amigos, que experimentavam o legitimo pezar de que ficassem ineditos, e por assim dizer perdidos, tão magníficos trabalhos, como o são essas bellas photographias, que o illustre medico e artista consentiu em ceder ao editor Stern os seus clichés.

Pelo facto não temos senão que nos felicitarmos, porque a publicação das *Meisterwerke der Bankunst in Portugal* representa, sem contestação, um dos melhores serviços de propagação do conhecimento do nosso paiz no estrangeiro, além de ser o valioso serviço que é prestado á arte. Seria uma levandade supôr, effectivamente, que se trata apenas da reprodução de algumas photographias banaes do claustro e do convento de Belem, como muitas que se encontram com abundancia á venda em diversas pho-

lhes que mais convinha reproduzir, que se denunciavam mais característicos da grande obra manuelina de Belem.

E' por isso que este album do dr. Feilchenfeld, com a sua serie de trinta estampas, representando todos os aspectos exteriores e interiores do mosteiro de Belem, reproduzindo todos os pormenores da sua decoração admiravel, nas portas, nos pilares, nos arcos, nas abobodas, no pulpito e no côro da igreja, nas capellas e nos tumullos, constitue, embora lhe falte o juizo apre-

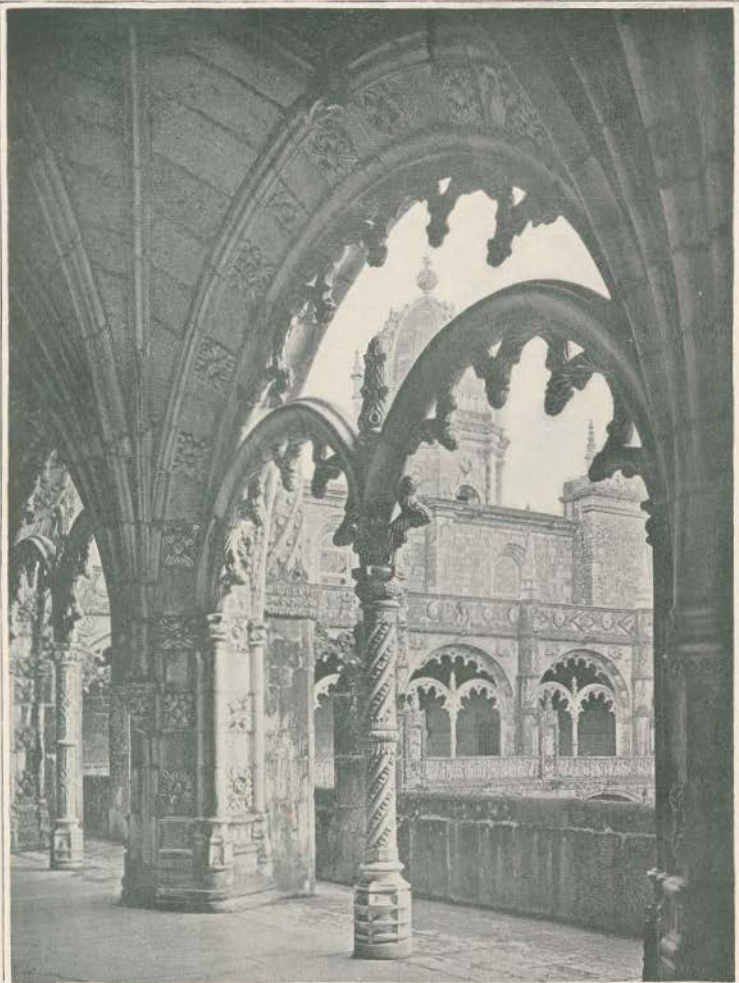


Parte interior do claustro dos Jeronymos

tographias de Lisboa ou que teem sido profusamente vulgarizadas em revistas illustradas e bilhetes postaes. Não. As photographias do dr. Feilchenfeld são trabalhos de um outro merito e de um grande esculpulo artistico. Os clichés aproveitados foram rigorosamente seleccionados, e refugada systematicamente qualquer prova inferior. São trabalhos de um amator, é certo, mas de um amator que, como Augusto Bobone, por exemplo, conhece todos os segredos da technica photographica, que possui um delicado bom gosto, e que, com evidente competencia artistica, com seguro criterio esthetico, escolheu os aspectos e os deta-

ciativo do critico entendedor, que muitos desejariam ouvir, a mais perfeita monographia que ficamos possuindo dos Jeronymos. E não deixa de ser curioso estudar, no exame detido d'estas esplendidas photographias, como um estrangeiro viu as bellezas do templo manuelino, salientando por vezes detalhes que escaparam aos que antes procuraram evidencial-as e minudencial-as.

Tratando da eleição do sitio—o mesmo da velha ermida do Rastello, visinhada e frequentada pelo infante D. Henrique,—em que foi construida a igreja monumental com que o fausto opulento de D. Manuel quiz commemorar, começando-a em 1500, o des-



Arco no primeiro andar do mosteiro dos Jeronymos

cobrimento glorioso da India, o abbade Castro e Sousa, um dos primeiros que escreveu a respeito dos Jeronymos, dizia convir que elle fôsse «onde os Estrangeiros das varias nações, como o mesmo Mundo encerra, quando viessem a este Reino a primeira cousa que admirassem, devia ser aquelle sumptuoso edificio pelo modo e belleza da sua execução, fundado das victorias de toda a re-

dondeza d'elle.» E assim se fez, na realidade, levantando a grande fabrica laboriosa junto da mesma praia de que os navegadores partiam e em que vinham desembarcar no regresso das suas expedições aventurezas. Essa praia do Rastello, ao depois de Belem, era, n'esses dias, famosa, bem visivel desde a entrada em Lisboa.

O que custou o fabrico da obra, tão grande

e sumptuosa, como o proprio rei, que tinha pretensões de conhecer tambem alguma cousa da sciencia da architectura, a delineára na sua imaginação, e o mestre italiano João Potassi se incumbira de fazer, não deixará de offerecer certa curiosidade relembra-l-a agora, e para isso aproveitaremos ainda a narrativa do erudito abbade Castro e Sousa, que, n'estes termos, descreve a manufactura da egreja de Belem:

«Começada com desmesurada grandeza, e sumptuosidade tal, que aos mesmos edi-

da pena, que a Lei lhe tinha imposto. Apesar d'este grande infortunio o architecto Potassi intentou novamente a mesma obra, afirmando que teria melhor resultado; e dizem que El-Rei mandára vir pela segunda vez outro grande numero de homens condemnados á mesma pena, que nas prisões tinham sido retidos para o fim de vêr se alcançavão perdão da pena a que estavam sujeitos impondo-lhes a mesma condição. O architecto, porém, chegando ao tempo de tirar os sinbres, temendo ter equal resultado



Interior da sacristia da egreja de Santa Maria de Belem

ficadores fazia impossivel o fim da obra, lançando conta ao que convinha subir pelas regras de boa proporção, e ao que era forçado gastar tempo, e dinheiro pela despeza, que levava. Mas, o tempo, sempre auctor de novidades não cuidadas, trouxe uma repentina, que foi quando se fabricava este magnifico e magestoso templo, cahiu a abobada do cruzeiro ao momento, que lhe forão tirados os sinbres, e alli mesmo pagarão a pena ultima grande numero de homens; que a ella estavam sentenciados pelas leis; aos quaes El-Rei tinha mandado para aquelle trabalho com a favoravel condição, de que escapando com vida, ficarião soltos e livres

fugiu; mas foi grande a surpresa, e admiracão, que a todos causou; pois finalizado o trabalho da tirada dos sinbres, se achou que a abobada estava firmissima: aproveitando-se d'este modo os condemnados da indulgencia, que lhe tinha sido concedida no caso do bom resultado: (é para notar que todo este colosso está descansado sobre pontalêtes de pinho com virolas de bronze por estar nas margens do Tejo e não ser terra firme): tambem se aproveitou d'este feliz successo o architecto para voltar de França, onde se achava; e ao qual El-Rei tratou benignamente, e lhe mandou dar uma boa tença annual.»



Um trecho do claustro dos Jeronymos

São raros todos os apreciados e curiosos folhetos que o abbade de Castro publicou sobre a archeologia e as coisas de arte do paiz,—e não são poucos, por signal —; por isso a transcripção que fazemos, apesar de longa, não deixará de ser lida com interesse pelos nossos leitores.

A grandiosa obra de arte planeada por D. Manuel e executada pelo assustadiço ita-

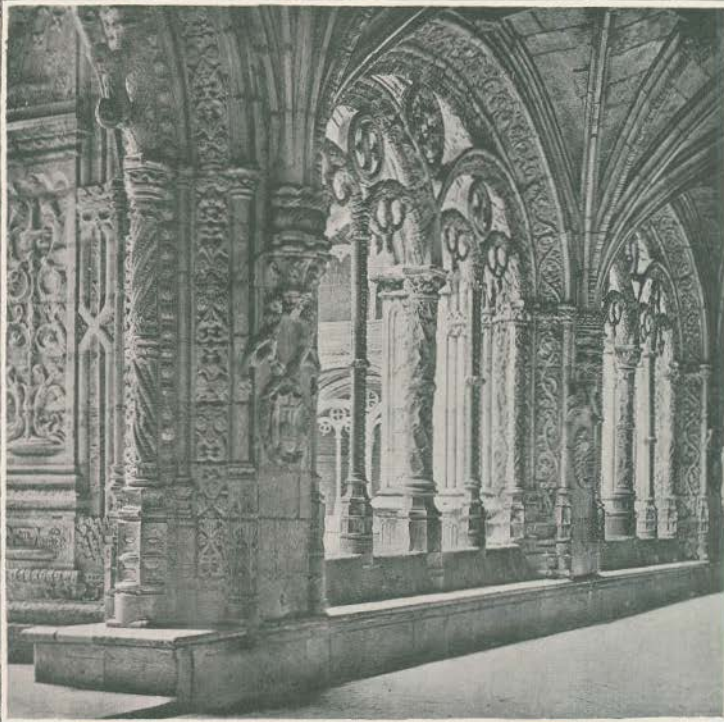
liano, collocada na luminosa e afamada praia que era Belem n'esse tempo, cumpriu na realidade o intento de attrair a attenção dos estrangeiros, que desde então até hoje tem prodigalisado os maiores testemunhos de admiração e enthusiasmo a essa admiravel obra prima da architectura portugueza. Quantos a tem visto, todos a tem apaixonadamente exaltado, e a melhor prova de que

não são decerto exageros taes enaltecimentos está exactamente no livro actual do dr. Feilchenfeld.

D'esse album magnifico reproduzimos, em appropriada redução, algumas das preciosas estampas, para dar aos leitores da *Illustração Portuguesa* uma idéa do que elle vale como trabalho de documentação artistica de um raro e excepcional merecimento.

A maior parte das estampas que publica-

lhares e feitos de tanta miudeza e excellencia, que mostram bem que não eram menos engenhosas as mãos que n'elles se empregaram que as que obraram o frontespicio da igreja. Tem quatro lanços, nos cantos esão quatro painéis, e em tres lanços tres altares, que são: o da Anunciação de Nossa Senhora, o da sua Assumpção e o de S. Jeronymo; devem ser lembrados, logo que se entra n'este claustro do lado esquerdo,

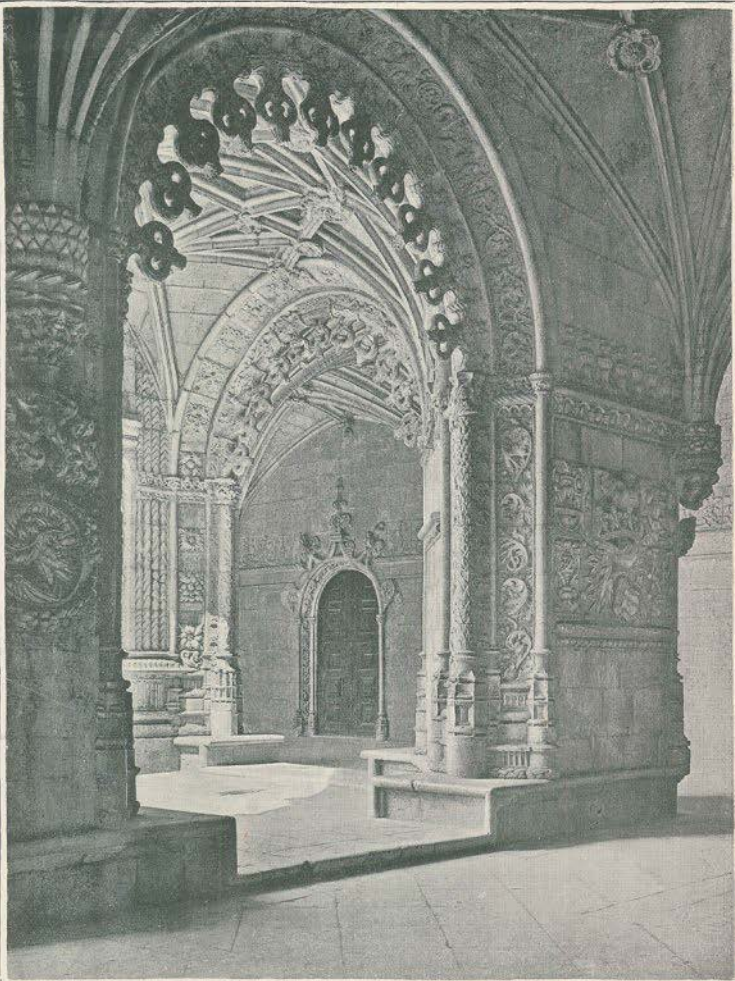


Uma janella do claustro dos Jeronymos

mos representam detalhes, que revelam o mais fino gosto na escolha, do claustro admiravel do mosteiro. Eis como o descreve o abbade de Castro a quem mais uma vez recorremos:

«O claustro é coberto com desafogadas e alegres varandas, que descansam sobre vinte e quatro airosos arcos de pedraria, altos e espaçosos, de gosto gothico, lavrados todos de laçaria, e entalhados de alto a baixo de

quatro bustos em meio relevo, mettidos em medalhão de admiravel esculptura, que ficam no meio das columnas que dividem os arcos, dando logar no meio d'este claustro a um tanque que, em fôrma engenhosa e figura circular, sustenta um repuxo, como chapéu de pedra um pilar, e em roda d'elle o circumdam quatro passagens, tambem de pedra, e quatro canteiros, que costumam ter flores; a um canto se levanta uma fonte



Um canto do claustro dos Jeronimos

na bocca de um leão: é de vêr aquelle rosto fero, coberto de guedelhas crespas e medonhas, que ameaçam sangue e morte, feito ministro de mansas e cristalinas aguas, que ao caminhante cançado o paladar lisonjeiam.»

Reproduzimos esta descripção do antigo

escriptor a titulo de curiosidade, que não será, parece-nos, inteiramente despicienda, e não nos demoraremos a fazer outras, naturalmente ociosas, por tão largamente conhecidos que são os Jeronimos. São as reproduções das photographias do dr. Feilchen-der, que muito interessarão os nossos leitores.



MAUD ALLAN A CELEBRE BAILARINA

Está actualmente fazendo em Londres um bairinho extraordinário, que começa a repecur-tir-se n'um largo echo europeu, a singular dan-çarina que é Maud Allan. A illustre artista que está sendo agora o assumpto prefe-rido dos magazines inglezes, leve a ex-trema gentileza de acolher um dos nos-sos collaboradores e de ofere-cer a Illustração Portuguesa uma das suas mais interessan-tes photographias valorisada pelo autographo da sua assi-natura.

Maud Allan até agora só tem dançado em Londres, ape-sar das propostas vantajosas que lhe tem sido feitas. Mas o successo escravisa, e ha-de acabar por conquistal-a e arrastal-a no seu turbilhão. Te-mos fé de que Lis-boia verá ainda a preciosa artista, e por isso nos lisonjea-mos, desde já, de fazer-lhe a sua apren-sentação.



Retrato offerecido por Miss Allan para a «Illustração Portuguesa»

Strauss pondo em musica a soberba creação d'Oscar Wilde—Salomé—pro-vocou uma verdadeira febre pela dan-ça antiga que se propagou rapidamente á França, Belgica e Inglaterra.

A sua mais eminente sacerdotisa é indiscutivelmente Miss Maud Allan e

essa só a Londres foi ainda dado vê-la. Perfeita encarnação da estatua grega, sobre o tablado do «Palace Theatre» conseguiu fazer renascer o espirito da antiga Grecia e Babylonia perante uma multidão estupefacta que de ha mezes a contempla insaciada. Creatura ex-



traordinária, inconfundível, ninguém melhor que ella poudé ainda traduzir em movimento e fórma a musica, contar-nos dançando uma historia ou, como ella escreveu, «dar muda eloquencia a uma historia musical.»

Nascida em Toronto (Canadá) foi porém S. Francisco da California que viu desabrochar os seus sentimentos artisticos. Tudo começou n'uma simples classe de modelação em barro que frequentava ao mesmo tempo que as aulas de musica. Estas duas artes encontraram n'ella tal associação que, por fim, já tão facilmente descobria na musica uma visão plastica como uma *pose* bella lhe inspirava uma melodia no piano. Foi assim que, vindo ha annos para Berlim aperfeiçoar-



Na dança de «Salomé»: A filha de Herodiades, dança para obter do teirardo a cabeça do Precursor



se no piano, teve a intuição de que, sen'aquelle podia ter rivaes, na dança seria unica. A' sua arte chama Maud Allan—impressões de dança classica, pois que nenhuma analogia tem com as piruetas modernas. Coroou-a um

phenomenal successo de publico, imprensa e photographia, pois ao passo que inspirou os mais bellos artigos, os seus retratos contam-se por milhares, chegando aos menores detalhes d'um braço, as mãos, um pé isoladamente. Pianista eximia, a sua exacta comprehensão dos classicos e uma sensibilidade agudissima explicam a superior elevação da sua dança, suggestiva e fascinadora.

Maud Allan dá *matinées* classicas como uma grande orchestra dedica aos eleitos concertos de musica de camara; por isso difficilmente sahirá dos grandes centros, unicos onde



Na dança de «Salomé»: Deante do tio, Herodes Antipas, Salomé executa as danças lubricas com que o seduzia

ha cultura artistica que permita comprehendel-a. N'essas tardes d'arte descreve-nos dançando com a mais expressiva minuciosidade valsas e mazurkas de Chopin, a Dança Árabe, a valsa das Flores e outras de Tchaikovsky, a Canção da Primavera, de Mendelssohn e a Marcha Funebre, de Chopin! O clou do espectáculo é A Visão de Salomé em que Maud Allan se apresenta vestindo apenas uma rede de contas e uma saia de gaze preta sem *maillot*.

A scena representa um terraco cercado d'obeliscos, ao cahir da noite. A princesa da



Judéa que, em *pose* artistica, está ao fundo sobre a escadaria de jaspe, desce e começa uma dança lenta, cadenciada, mixto de vôo e ondulação em que todo o corpo actua e os braços dominam. Estes, de rara belleza, teem movimentos de serpente e tal *souplesse* que

parecem desprovidos d'ossos ao vel-os mover-se em onda caracolando dos hombros aos dedos. A musica que a acompanha, oriental, triste e dolente, acaricia-nos os ouvidos e prende-nos deliciosamente.

Todos os sentidos então se concentram n'ella e sentimos como que descer do cerebro ao longo dos nervos uma onda subtil que nos inunda de prazer e doçura infinita! De repente, musica e dança, mudam n'um allegro vivo d'uma alegria louca e convulsiva, até que, ao ouvir-se uma forte pancada de bombo, tudo pára, e a cabeça de S. João Baptista, a victima do despeito de Salomé, apparece n'uma salva sobre o parapeito da cisterna. A musica voltou ao tom plangente, vae buscá-la, pausa a docemente no chão e rompe, em torno d'ella, uma dança diabolica, saboreando o prazer da vingança, até cair de canção. Instantes depois acorda, vê a, roja-se para ella acariciando-a com expressão felina, levanta-a frenetica e beija-a lubricamente! Sobreve, porém, um movimento de repulsão e vae lançá-la á cisterna d'onde recua n'uma attitude de embriaguez e desvairamento — cahie por terra desfallecida.

A paixão doentia e feroz de Salomé é de tal modo expressa por M. Allan, que nos faz comprehendêr a phrase final da obra d'Wilde: «matem essa mulher!»

A. FERREIRA D'ALMEIDA CARVALHO.



Uma attitude da dança de Salomé—Outra attitude na dança Salomé (Contemplando a cabeça do Baptista)—A Marcha funebre de Chopin (CLICHÉS FOULSHAM & BANFIELD)

A ALFACINHA



Muito se tem escripto sobre o dia de uma parisienne, o dia de um

homem d'Estado, o dia do principe de Bulow, da Sarah Bernhardt, do rei de Inglaterra, do conselheiro João Franco ou da Cléo de Merode...

Muito se tem dito a respeito do que faz, pensa e come a *geisha* de Tokio e o *cow-boy* dos Estados-Unidos; e de qual é o primeiro pensamento de Guilherme II ao calçar as pantufas de manhã, e de como almoçam as mulheres de Si-sovath, e so veste a bella Otero, e Coquelin *amié* enfia a camisa de dormir...

Todos nós, é certo, sabemos o que fazemos durante o nosso dia. Mas o *nosso dia* não conta. E' um dia perdido para a Historia. Quando não temos a infelicidade de ser *millionarios*, nem a *chance* de ser *tenores* ou *espadas*, o nosso dia não interessa senão aos nossos *crédores*. E isso é pouco. A *Chronica* abandonou-nos, a *Analyse* vota-nos ao desprezo. Podemos ser *originalissimos*; o *nosso dia* *suigeneris*; podemos levantar-nos com as gallinhas, tomar o nosso banho em Champagne da Vi-

nicola ou em mel do Hymeto, vestirmo-nos de frades, almoçar debaixo da mesa, dar cambalhotas no meio da Avenida, ir a S. Carlos em fato de banho, ser *emfita* de uma personalidade rara, unica, original — que é como se o não fôssemos!...

Quando não somos pessoalmente celebres, como artistas, como *cocottes*, como assassinos, como outra coisa qualquer, ninguém se occupa do nosso dia. Não tem influencia para a evolução social nem para a rotação dos astros. E' triste, mas é assim...

Todos nós pertencemos, porém, a uma classe — ou pelo menos a um club. As leis e os costumes vão cada vez mais subdividindo as sociedades, à medida que a theoria as quer nivelar. Todos vivemos em *lotes*. Ora às vezes, se individualmente não temos importancia alguma e o facto de vivermos pouco importa ao *commum* dos mortaes, o nosso *lote* pode interessar, pode ter peso. Um só soldado apenas interessa a uma creada do servir; um exercito inquieta o mundo inteiro.

E' o que succede com a Alfacinha. Se individualmente d'ella só se occupa o primo que a namora ou o marido que lhe paga os vestidos, como *collectividade* os seus habitos e costumes não só interessam, mas até podem vir a constituir um capitulo da Historia — porque afinal de contas ella representa a mulher portugueza, e a mulher portugueza tem muito mais peso do que se julga nos destinos da patria.



A Alfacinha levanta-se tarde. E' noctivaga. Se for preciso valsar até às 7 horas da manhã, valsa. Mas se for preciso levantar-se às 8, não se levanta...

Muito feminina, muito idealista, prefere o indeciso somno da manhã, os olhos semi-cerrados, o espirito alado, esvoejante nas regiões do sonho, ao passeio matinal e hygienico da ingleza ou da allemã

atravez as ruas da cidade. Só a idéa de que o primo cadete ou a viscondessa de Qualquer Coisa a poderiam encontrar ligeiramente penteada e vestida lhe dá um *frisson* pela espinha e lhe faz exclamar pudicamente:

A. Rossano
1903

Rua do Ouro abaixo, depois das 4 horas





— Crêdo!...

Por isso, até ao meio dia, as ruas da capital são tremendamente masculinas. Do sexo fragil apenas alguma lavadeira vinda de Loures, uma ou outra creada de servir que foi á Praça da Figueira, mestras de lunetas, meninas do Conservatorio e mulheres da hortaliça as cruzam e animam.

Lá de vez em quando, como perdida, alguma Alfacinha atravessa a medo o Rocio, ou, ás segundas e quintas, se mette no electrico para o Campo Grande. Mas isso não é por lhe estar no caracter.

— E' moda!... explicará ella como que a desculpar-se.

Toda a sua actividade matinal se passa, portanto, em casa. Começa por se pôr a bem com Deus, resando, e com os homens, penteando-se. Depois lê o jornal. Ler o jornal é uma occupação, um dever, uma necessidade. Antes quasi de saber o que se passa em casa d'ella, a Alfacinha sente a necessidade imperiosa de saber o que se passa em casa dos outros. Não o faz por bisbilhotice. Fal-o por uma especie de acanhamento, aliás sympathico, de modestia, de receio, que lhe são proprios. Não é capaz de viver por si

pre lhe fórma a opinião que ha de emittir durante o dia. Pena é que a imprensa, possuidora d'essa força, tão mal geralmente se sirva d'ella! Adiante...

— Está o almoço na mesa!

A Alfacinha almoça entre as 11 e o meio-dia e meia hora. Come pouco e mal. Ovos, café com leite, pão com manteiga. Raramente carne. Como não faz exercicio e quasi toda a sua actividade é sentimental, *sustenta-se do ar*. Sustentar-se de ar era mesmo um *chic*, no tempo das Alfacinhas nossas avós. Com o correr dos tempos e o subir do preço dos generos foi-se tornando mais bem visto comer, e hoje já começa a haver Alfacinhas que comem *roast-beef* sem lhes cahirem os parentes na lama. O que as cinturas perde-



Uma das primeiras operações matinaes da Alfacinha é a leitura do jornal, para saber o que se passa em casa dos outros

só. Vive por e para os outros e sentir-se-hia desequilibrada durante o seu dia se logo de manhã não tivesse sabido, pelo *high-life* do *Illustrado*, quem partiu para Paris ou regressou de Alhos Vedros, ou, pelas noticias do *Seculo*, qual foi o crime da vespera, quando rebenta a guerra de Marrocos e se o ministerio está em crise...

Essa *toilette* moral feita pelo jornal não é apanagio da Alfacinha. E' o tambem do homem portuguez. E' o seu jornal quem de manhã lhe penteia o espirito, como o barbeiro lhe penteia o cabelo. E' elle quem lhe orienta e quasi sem-

ram em poesia ganhou a hygiene e o homem do talho. E' uma compensação de peso — e de contrapeso...

Mas eis chegada a hora em que ella começa verdadeiramente a viver. A viver para os outros. A viver para a rua.

A rua é o seu campo, a sua scena, a sua aspiração. A rua subjug-a e deleita-a, fal-a pensar e sonhar, é o mysterio que a attrae e o estimulo que a excita. A rua é a loja, as amigas, o chá, as visitas, as homenagens, o exercicio, os conhecimentos, os pequenos triumphos, o eterno e seductor enigma, que ella resume, enganando-se a si





vício, um peccado, um crime?

Descan-ça, ó palli-da, febril e inteligente Alfacinha! Em toda a



—Está o almoço na mesa!

com pequenas nuances provenientes da frieza do caracter ou da maldade do clima. Que a mulher que não sentir como tu a diaria e absorvente necessidade de fazer compras — te atire a primeira pedra!...

Entre o almoço e a partida para as compras, enquanto se veste, a Alfacinha trata um pouco do arranjo da casa:

— O' Quiteria, é preciso bater o tapete da sala.

— O' Prudencia, o senhor reparou hontem na poeira do piano!

— O' Seraphim, quando passar pelo Coimbra pergunte se as minhas botas já estão promptas.

— O' Jeronymo, vá buscar o meniuno ao collegio ás duas e meia.

... Mais um ganchinho no cabelo, um piparote n'um laço descalado, uma festa na cabeça da Quiteria que lhe compõe de joelhos a saia, uma ultima passagem da boneca de pó de arroz pelo rosto, uma advertencia sobre o caldo da sopa, que o senhor deseja mais puxado, um alfinete aqui, um geitinho além — e eil-a a caminho da Baixa!

O seu horario é sabido. E' sempre o mesmo e cumprido com uma exactidão que faz a vergonha do *Sud-express*. Eil-o:

2 e meia — Partida de casa.

2,45 — Chiado.

2,55 — Sapataria ou retrozaria (apeadeiros).

3,3 — Modista (demora 45 minutos).

4,12 — Passagem pela rua do Ouro e suas bifurcações (apeadeiro em varias lojas).

5 — Chá em casa das amigas ou nas pastelarias da mo-

e aos outros, na phrase simples e honesta:

— You fazer compras...

Prova isso a futilidade do seu espirito? A volubilidade do seu temperamento? E' um

parte on-de houver rua e mulher, aquella ha de attrahir esta e esta deixar-se encair nos encantos d'aquella, apenas

da (demora 58 minutos. Bufete).

6,5 — Partida para casa pela linha do Chiado, sem paragens.

Aos domingos — A' uma hora missa do Loreto. Das 4,30 ás 6, viagens circulatorias no Campo Grande e Avenida.

A's sextas-feiras — Rapido para a Graça e visita ao Senhor dos Passos.

A Alfacinha, essencialmente modesta como é, só usa um meio de condução — o electrico.

De carruagem só anda a que é officialmente abastada ou a que se quer dar ares. A maior parte do percurso acima citado fal-o a pé, genero de sport a que o marido chama *chinellar*.

A primeira passagem pelo Chiado é uma especie de orientação, para saber o que ha, para receber dois ou tres cumprimentos e ver no vidro das montras se o vestido *caz bem*.

Mas a parte capital é a modista.

A Alfacinha vae á modista sem uma idéa nitida do que lhe irá melhor. Abdica do seu physico para só cuidar do physico das bonecas do *Figaro-Modes*, de *L'Art et la Mode*, da *Mode Illustrée*, do *Miroir des Modes*; e para horas inteiras extasiada diante de gravuras femininas em que se vêem madamas com corpos que nunca houve, vestidas com *toilettes* que ninguém faz...

Modesta por indole, receiosa e inquieta, a Alfacinha difficilmente se decide. Uma vez lhe parece o corte demasiado extravagante, outras a cor um tanto espaventosa, agora receia que o *bolero* dê muito nas vistas, logo que o marido não goste dos bordados...

E com o dedinho indeciso, svaga-lbundo,



Prompta para sair: Calçando as luvas...



vae folheando, folheando, e buscando no olhar enjoadado da modista ou do caixeiro que a serve a decisão que lhe falta...

—Que lhe parece este?... Aquelle talvez, não acha?

O arbitrio dá a sua opinião, que ella quasi nunca segue, e por fim, com um conselho da amiga que a acompanha, outro do dono da loja, uma consideração sobre o que pode gastar, mais a previsão dos

sítios onde irá, mais isto, mais aquillo, a Alfacinha decide-se. Decide-se a voltar amanhã...

E volta amanhã. E volta todos os dias, porque uma Alfacinha que se preza nunca deve estar contente com os vestidos que tem, nem declarar-se restida.

De junho a agosto deve escolher os vestidos de inverno, a cor, a qualidade, o feitto e os enfeites, nos jornaes de que é assignante e nas amstras que lhe enviam.

De agosto a outubro encommenda, regateia, compra e explica ás costureiras o que quer.

Outubro e novembro é

—abbades satisfeitos, julgam que ellas estão vestidas para o inverno, começam ellas a vestir-se para a primavera.

—Precisamos um vestido *demi-saison*!

Demi-saison é a primavera em termo modal. *Toilettes* indecisas na cor e na espessura, embora o não sejam na conta. Chapéus modelos com forros mandados vir de Paris para fingir que chegaram fresquinhos do Paquins, da Doucet, da Lewis, do Redfern, etc. Motivos decorativos primaveris. Flores e fructos.

Cada rosa vem a sahir por um quartinho e cada ginja por quinze tostões...

Oh! as correrias e os excessos diante das vitrines do Cardoso, do Mimoso, da Arca da de Paris, etc.!

Quanto suspiro em frente de uma toque de



A escolha de um figurino: Indica e interroga a modista ou o caixeiro:
—Que lhe parece?

para provas. E' o regresso das praias a Lisboa e o corropio para o Serra, a Aline, o Paris em Lisboa, o Mimoso, etc.

Dezembro é para se zangar com as costureiras, descozer o que está cosido, tirar uma fitinha d'aqui para ali, pôr este galão mais á bordinha, aquella renda mais para a direita, estes botões mais para a esquerda. Enquanto leva á abertura de S. Carlos a *toilette* cor de *poussière d'automobile*, está a emendar a outra cor de *fraise écarlate*, e quando assiste aos primeiros jantares com a *fraise écarlate* manda descozer a *poussière d'automobile*...

Mas assim que janeiro aponta e quando o marido ou o papá, n'um suspiro de

lontra!... Quanto palpitante de coração perto do chapéu *Niniche*!... Quanto drama escondido nas plumas de um chapéu Bersaglieri!

Fevereiro e março reproduzem por isso agosto e setembro; abril é a repetição de outubro, e maio a reprise de novembro. Mas já então começa o problema dos vestidos de verão e o plano de ataque das praias, campos e thermas.

E' a aquisição de todo um arsenal complicado e tremendo de latos de malha para o banho, de robes *tailleur* de kaki para a praia, de vestidos de dia em flanela branca, e de tarde em *mousseline* e de noite em gaze! E sandalias de praia, e sapatos de tennis, e sapatinhos de baile e sapatos de tourismo! E toucas de borracha, e kepis de automovel, e cano-tiers de regata, e toques de passeio e béguins de baile!

E quando as contas começam a chover em casa da gentil Alfacinha, o senhor, ao ver quanto lhe custa só a cabeça da esposa, levará as mãos indignadas á d'elle e muita vez exclamará

desanimado:

— E lembrar-me eu de que naminha... nem cabellos tenho!

Mas tambem aqui tomaremos a defeza d'ella. Se em absoluto o custeio das suas *toilettes* é *puxado* como diz o papá, a Alfacinha é relativamente moderada nas suas extravagancias modistas. Muita vez as suas plumas passam, tingidas, de chapéu em chapéu; muito *tafetás* forra a seguir dois vestidos; muito enfeite do mantelete d'este anno figurou no vestido do anno passado; e ella sabe de cor onde se vende mais em conta a passamaneria de seda e o carrinho de linha J. P. C., e qual é o dia dos retalhos no Granelle e nos Armazens do Chiado...

N'essa lucta insana se debate ella até á hora do ponto na rua do Ouro. A rua do Ouro é o seu campo de manobras, a sua repartição. E ali que ella vê e ella é vista. Podem as camaras municipales abrir ruas e avenidas novas á sua vontade. A rua do Ouro e o Chiado continuarão a ser eternamente para a Alfacinha o coração da cidade. N'ellas nasce, n'ellas namora, n'ellas se casa, n'ellas enviua, n'ellas morre! A Alfacinha é conservadora. Gosta sempre das mesmas ruas e dos mesmos transeuntes—embora a má lingua diga que não...

Ali se reúnem as alfacinhas que sabem da modista e os alfacinhas que sabem da repartição. Ali se cumprimentam e sorriem, ali se amam e odeiam, ali se conhecem e dizem mal uns dos outros, até ás 3 horas—hora a que cada qual vae tomar chá para seu sitio—o *five-o'clock-tea*.

O *five-o'clock-tea*, como o seu nome está dizendo, é um costume inglez muito elegante, que consiste em

se reunirem varias pessoas de bem e estragarem em commum o appetite para o



De manhã a Alfacinha começa por se pôr bem com Deus rezando, e com os homens pensando-se

jantar. Nascido em Inglaterra, espalhou-se logo pelo mundo, e a Alfacinha, que tem, apesar do seu fundo conservador, uma extrema facilidade de adaptação, adoptou-o logo e já não seria capaz de atravessar o cabo

das 4 horas sem uma chicara de chá dois *muffins* com manteiga.

Essa cerimonia pode ser publica ou particular. A publica realisa-se nas pastelarias ou estabelecimentos especiaes da Baixa—Rendez-vous des Gourmets, Violette, Bijou d'Avenida, Marques, Arcada de Londres, Bénard, etc. A particular effectua-se em casa de illustres alfacinhas ou diplomatas estrangeiras que tem dia de receber.

A Alfacinha entra, dá um



A cerimonia da prova de um vestido

beijinho em cada face da dona da casa, cumprimenta a assistencia, senta-se, accoita uma chicara de chá com um flosinho de leite e um biscoito, sorri aos circumstantes e despeja a sua historia:

— Então já sabem a ultima?...

— O quê? O quê? perguntam as outras chegando mais as cadeiras.

Ella conta a ultima. Cada Alfacinha que entra traz uma ultima para contar. E

é só depois de ter contado a sua e ouvido as das outras, tudo regado por dois dedinhos de chá, que ella regressa a casa com a consciencia de ter cumprido honrosamente a sua missão diaria. Mas ainda lhe falta a nocturna—aquella a que se chama *passar a noite fóra*.

A Alfacinha delira por passar a noite fóra.

— Oh tibia!

suspira o esposo á mesa do jantar, se nós ficássemos em casa?...

Ella tem dois processos de acolher essa proposta, segundo é Alfacinha de cabellinho na venta ou Alfacinha de manto de seda...

A primeira faz um repellão de revolta e responde logo:

— E' a tal coisa!

A segunda encolhe os hombros em ar de quem pensa «diabos te levem!» e responde n'um sorriso amarelo:

— Se tu quizes...

Europa que vae mais ao theatro. Uma grande parte da sua educação litteraria é feita por intermedio do theatro. E, como é intelligente, tem o senso critico muito apurado. Livrem-se os auctores e os empresarios de que ella não goste de uma peça ou de um tenor. Podem a critica e o reclame dizer o que quizerem. E' peça ou tenor em

terra! E quasi sempre... com razão...

Quando não tem theatro para passar a noite, tem



Saída do theatro

O resultado é sabido: vão passar a noite fóra.

Se não teem assignatura em S. Carlos, teem uma *première* no D. Amelia. Se não teem no D. Amelia teem D. Maria, a Trindade, o Gymnasio, o Principe Real. A Alfacinha é, em média, a senhora da

uma *soirée*, um concerto, um animatographo, uma sessão de espiritismo, ou pelo menos uma amiga para casa de quem vae fazer *crochet*, jogar a bisca, dar a lingua, ou mesmo resonar de assobio. Comtante que não passe a noite em casa, — o resto pouco lhe importa!...



E é só quando volta, tarde e a más horas, fatiga-

da e com somno, que ella dá uma vista de olhos pelo governo da casa e revê com verdadeiro prazer o seu *ninho* — essa doce e linda instituição que os paes tão pouco lhe ensinaram a cultivar e que ella tão raro ensina a cultivar ás filhas!

A. BANDEIRA.

Nota da redacção

Com a delicada graça e a fina ironia que caracterizam d'um modo tão brilhante a sua penna, o talentoso escriptor cujo nome sympathico e aplaudido assigna o artigo antecedente

A. Resende
1902

No Campo Grande ou na Avenida,
aos domingos

pintou-nos, em uma flagrante copia do natural, admiravelmente suggestiva na sua composição geral e escrupulosa de exactidão nos detalhes, o dia de uma lisboeta, da alfacinha que todos nós conhecemos e sinceramente amamos, apesar de todos os seus gentis defeitos. Não é bem o dia de uma atheniense, ou o de uma matrona romana; mas é uma jornada interessante, e, no fim de contas, o dia de uma mulher do nosso tempo, de uma parisiense, de uma elegante das margens do Sprea ou dos passeios de Hyde Park, guardadas as proporções respectivas.

Os que convivem quotidianamente com a alfacinha, podendo assim surprehender

os seus habitos, encontrando-a nos seus habituaes itinerarios, escutando-a nas suas palestras, reconhecerão a fidelidade do quadro que o escriptor nos esboçou. Não poderia exigir-se, na realidade, uma reprodução ou um retrato mais integral.

A *Ilustração Portuguesa* publicou já dois artigos em que, no primeiro, um dos nossos collaboradores que vive em Berlim, e no segundo um publicista que esteve largo tempo nos Estados-Unidos, descreveram a mulher allemã e a mulher americana. Desde logo expuzemos o plano de proseguir a serie d'esses artigos de psychologia feminina, que tão natural interesse despertaram aos nossos leitores, pelo assumpto que tratavam e pela curiosidade dos seus pormenores. E para breve até lhes podemos annunciar, desde já, o terceiro d'elles, que será seguido de outros mais ou menos proximaemente. Temos a peito passar em revista os typos e as modalidades psychologicas das mulheres dos diversos paizes, acompanhando os respectivos estudos de completos e interessantes documentos graphicos e incumbindo-os sempre a escriptores de especial competencia.

O artigo da Alfacinha, que hoje publicamos, consideramolo tambem como um capitulo, e segura-

mente o mais complexo, da psychologia social da mulher portugueza, fazendo, de parte, portanto, do inquerito aberto. E visto tratar-se, d'esta vez, das



O automovel tornou-se hoje indispensavel
na vida da Alfacinha

nossas compatriotas, e ser quem escreve um escriptor de tão raro merito, não será elle dos menos apreciados, decerto.



A GRANDE EXCURSÃO VENATORIA AO GEREZ.

Está concluída a grande excursão venatoria ao Gerez, e os leitores da *Illustração Portuguesa* te-

rão, desde o proximo numero, occasião de conhecer os resultados que a coroaram. Os que, a principio, afixaram tanto scepticismo sobre a possibilidade de execução da nossa audaciosa tentativa, devem estar convertidos a estas horas. Não foram poucas, é certo, as difficuldades que foi preciso vencer para attingir o fim proposto; mas, chegámos até lá, e resta-nos a satisfação de ter levado a cabo o arrojado empreendimento a que nos abalançámos, e que ficará duplamente memoravel pela sua alta importancia sportiva e pela sua indiscutivel utilidade scientifica.

Durante tres dias a serra foi batida, desde a chan de Leonte e o valle de Albergaria até ás ultimas vertentes fronteiras da Galizia e de Traz-os-Montes. Percorreram-na caçadores e naturalistas, todos rivalisando em intrepidez e tenacidade, uns estimulados pelo enthusiasmo cinegetico, outros pela paixão da sciencia. E se aos primeiros a bella serrania, com a sua rica e variada população venatoria, proporcionou nobres e intensas emoções, aos segundos não negou tambem as esperadas satisfações de algumas descobertas interessantes para a botanica e para a zoologia.

Assim, a *Illustração Portuguesa* cumpriu inteiramente o programma ambicioso, que traçara, quer sob o ponto de vista sportivo, quer sob o ponto de vista scientifico. A excursão por ella promovida á serra do Gerez não só representa a mais notavel partida de caça, que até hoje se tem realizado no paiz, como constituiu, além d'isso, uma séria missão de estudo, que concorrerá valiosamente para o conhecimento da admiravel montanha.

Semelhante successo é, pois, um novo incentivo para mais largos commementos.



A cabra do Gerez (Um documento interessante)

A photographia que reproduzimos n'esta pagina, e que representa uma cabra brava do Gerez, recém-morta, constitue um documento curio-



so, e que, além d'isso, não sera considerado inteiramente destituído de interesse para a sciencia, apesar de não poder, infelizmente, estabelecer-se rigorosamente a data da sua captura.

O cliché, que apresenta a marca incerta de 1890 ou 1900, fazia parte do deposito de clichés da Photographia Santo Andre e foi-nos amavelmente offerecido pelo novo e actual proprietario d'este estabelecimento, o sr. Jose da Silva Magalhães, que a seu respeito não poudo, contudo, dar-nos qualquer outra informação, não existindo já o photographo que o tirou.

Em todo o caso, attendendo aos defeitos de todas as representações existentes da cabra do Gerez, a reproducção da presente photographia tem incontestavel interesse.

GUERRA Á FARDA!



Dolce far niente—A' espera de freguez

A ultima quinzena passámo-la no preparo e na expectativa de varias revoluções, das quaes a menos grave não seria decerto a dos moços de fretes, aos quaes a perspectiva de ser forçado pela policia administrativa a uniformisarem-se despertou inesperados pruridos de protesto em gentes de animo tão pacato e conformado como são essas da Redondella. Afinal, as ameaças tragicas resolveram-se em algumas singelas descargas electricas, e com a modificação successiva da temperatura tudo reentrou na boa paz do Senhor, especialmente os moços de fretes. Estes, em um grande arranco de exaltação, visitaram procissionalmente diversas redacções de jornaes, onde fizeram lastimosas queixas contra a medida tyranica, allegando que a respectiva farda custaria a cada um cerca de tres mil réis, quando, particu-

larmente n'este periodo de verão, em que a emigração para os campos e praias parece que restringe os seus proventos de Mercurios amorosos,

alguns d'elles, coitados, nem para comer ganham.

Tal o disseram, mas confessamos custar-nos a acreditar que possam encontrar-se em tão desoladora situação pessoas que cada anno, devido aos ganhos do officio e á parcimonia do genio, adquirem, por bom dinheiro de contado, uma nova courella de terra na patria e pittoresca Galiza.

Nem seria até comprehensivel,—cumpre igualmente dizel-o,—o horror afixado pelos ars. moços de fretes á farda, que elles bem sabem exercer um certo prestigio nas imaginações femininas, se não fosse o caso de alguns mal intencionados, para se divertirem á custa da ingenua credulidade dos pobres gallegos, terem feito correr que, conjuntamente com a imposição de se uniformisarem, a mesma policia descaroavel ia obrigar-os a lavarem-se. Esse foi o *casus belli* verdadeiramente provocador e o pretexto real de todo o alarme.

O gallego tem, dentro do seu criterio economico, uma noção muito especial a respeito da agua e um grande escrupulo no seu emprego para uso proprio, a não ser n'um caso sério de doença. De resto, pela sobrevivencia de uma tradição de habitos antigos, que as modernas canalisações da companhia transformaram, muitas idéas philosophicas e sociaes do cida-





ção de Tuy emigrado em Lisboa relacionam-se directamente com a agua. Haja em vista aquelle grande pensador gallaico, que, no Chafariz de Dentro, exprimia, n'esta observação intuitiva, a sua opinião synthetica sobre a nossa psychologia nacional:

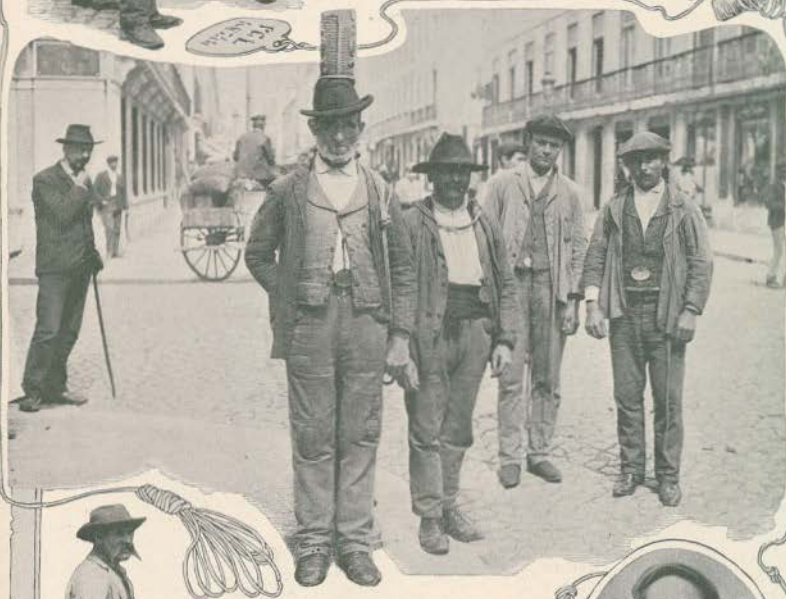
—Não é má gente, mas redondamente tola. Basta dizer que a agua é d'elles e que nós é que lh'a vendemos!

Poreja bom senso do dito, e, para quem o conhece, torna-se facil suppôr que uma coisa que se vende, o gallego é incapaz de gastal-a, sob o seu ponto de vista, inutilmente. Que os outros se lavem, transige; mas, elle, quando pôde vender a agua, seria um cumulo!

E' conhecido tambem o outro dito d'aquelle outro gallego tambem aguadeiro, que se referia desdenhosamente a uma das freguezas:

—E' uma gastadora, e aquillo uma casa desar-ranjada, que com certeza acaba mal. Duas pes-soas só e gastam cinco barrias de agua!

Comprehende-se, assim, com facilidade, desde



*Fazendo esquina, como diz a phrase consagrada
—Dois tipos curiosos de moços de fretes*

que haja sentimento de justiça, o pavor que accommetteu os srs. moços de fretes, na sua maioria naturaes da nossa vizinha e muito estimada e sympathica Galliza, quando, por cima da despeza, embora insignificante, da farda, se viram ameaçados com a perspectiva do banho. O largo dispendio que teriam de fazer em agua,—n'aquillo que vendem aos outros! Tal não podia ser!

Ora, a verdade é que tambem, a tal respeito, apenas se tinham manifestado desejos platonicos, e que a policia, por agora, apenas se lembrou de dar ao moço de fretes,





Ocios de verão no Chiado

que estaciona ás esquinas das ruas mais frequentadas da capital, um fardamento proprio, composto de calça e casaco de ganga, com o competente numero no peito em letras vermelhas. Preoccupou-se só com a questão esthetica e não se occupou da hygienica. O grande motivo de susto, que determinou, em dois dias successivos, a mobilisação da colonia gallica de Lisboa quasi inteira, desapareceu, pois, e os pequenos incidentes que esse movimento de reacção originou liquidaram-se sem prejuizo ou transtorno de maior. Os moços de fretes,



Recordações da terra

desde que lhes explicaram que o banho não era estabelecido como preceito, acalmaram-se, e, dormindo sobre o caso da farda, sonharam com as invejaveis aventuras de conquistas que ella lhes deve proporcionar, o que naturalmente os fez acordar no dia seguinte de melhor humor.

E' logico, consequentemente, prever que tudo acabará como no melhor dos mundos possiveis devem acabar taes coisas risonhas.



UM SANATORIO EM PENICHE



A península de Peniche constitue um avançado promontório do nosso litoral, que durante as horas em que as grandes mares cobrem o extenso istmo que o une á terra firme se transforma n'uma verdadeira ilha, cercada de todos os lados pelo oceano Atlantico. A costa d'esse promontorio é toda atormentada, formada informemente de rochedos abruptos, que descem a prumo sobre o mar, com excepção do lado do istmo, que desenrola o seu braço de areia entre duas esplendidas enseadas, a do norte findando no Balear, a do

sul na Consolação. Peniche é, por este motivo, como quadro marítimo, um dos mais dignos de vêr-se, pela imponencia da sua rudeza, e, além d'isso, do alto das escarpas, cujas furnas serviram de habitação ao homem prehistorico, contempla-se um panorama grandioso, gosa-se o grande espectáculo da natureza que o oceano offerece sempre. Quando o mar se embravece e assalta a rocha furioso, então, esse espectáculo desperta as mais intensas commoções, empolga e assombra, excedendo em grandeza todos quantos outros possam representar-se deante dos olhos humanos. Que admira, pois, que a essa costa erriçada de fraguedos e cheia de restingas e de bancos andem attribuidas tantas lendas tragicas? Ali se desenrolaram effectivamente



O dr. D. Antonio de Lencastre e os seus collegas cooperadores da obra do Seculo,
n'uma escada da cidadella—Arcaria e varanda coberta na cidadella
— A explanada da cidadella d'onde se goza o bello panorama da enseada de Peniche



Peniche é tambem uma abundosa praia de pesca, que, durante as lufadas de sardinha, se torna extraordinariamente animada e movimentada. A grande industria local é essa de resto, e além d'ella só existe até outra, fina e delicada,—a das rendas do genero Valenciennes e imitando as Guipures e as Chantillys, feitas com bilros e que de ha muito conquistaram lisongeira reputação ás mulheres de Peniche, que as fabricam encruzadas á turca deante das suas almofadas.

muitas scenas de naufragios pavorosos, como o d'esse galeão hespanhol, carregado do ouro e da prata do Peru, que ha mais de um seculo se fez em pedaços contra os rochedos da Papôa, deixando trezentas pessoas sepultadas junto d'elles, com a opulenta fortuna que trazia, e de que ainda de vez em quando algum pescador de Peniche encontra o vestigio disperso de uma onça de ouro. A gruta dos Passos de D. Leonor e os penhascos do Sitio de Frei Rodrigo, recordam tambem uma historia bem dolorosa de amor, que a tradição conserva bem viva.

Essa villa de pescadores e de rendeiras, de uma larga ancianidade, é limpa e asseada, pittoresca e possuindo algumas curiosidades artisticas nos seus templos, que parece terem sido excepcionalmente importantes e opulentos. Quasi todas as egrejas de Peniche são ornadas de magnificos azulejos e enriquecidas de caras obras de talha, e na da Misericordia, que remonta ao seculo xvi, mas foi restaurada em 1796, existem 55 quadros a oleo pintados em panno, representações dos principaes successos do Novo Testamento, algumas das quaes são attribuidas á famosa Josepha de Obidos.

Mas o que torna a peninsula de Peniche realmente digna de interesse é a sua situação maritima, na ponta mais occidental de Portugal, tendo-lhe até, por essa circumstancia, sido dado antigamente um grande valor strategico, comparando-a alguns



Na cidadella de Peniche
—As rochas da Senhora dos Remedios no Cabo Carvoeiro

graphica e militarmente com a cidade russa de Cronstadt. E por isso se construiu, na vertente sul do Cabo Carvoeiro, a velha cidadella, cujos trabalhos foram iniciados no anno de 1557 por D. João III.

Nos restos dismantelados d'essa velha fortaleza, que parece fundeada no meio do mar, porque as suas muralhas foram erguidas sobre os rochedos que servem de quebra-vagas, e que a bem dizer para nada se aproveita presentemente, occorreu agora que poderia facilmente installar-se uma colonia maritima destinada a acolher uma numerosa parte da população infantil da capital, que as taras hereditarias e o depauperamento physiologico tornam necessitada d'esse regimen de tratamento.

Na cidadella ha effectivamente varias edificações, razoavelmente conservadas, e que ligeiramente modificadas, sem precisão para isso de realisar grandes dispendios, forneceriam accommodação apropriada para bastantes centenas de creanças. Ha tambem uma ampla explanada, da qual se disfructa um admiravel golpe de vista sobre o mar e na qual existe uma enorme cisterna, que comporta tres mil pipas de agua. A proposito recordaremos uma anecdota curiosa. Eram donatarios de Peniche os condes de Atouguia, o ultimo dos quaes, comprometido no attentado contra el-rei D. José, foi suppli-

ciado em 1759. De um, D. Luiz de Athaide, que foi duas vezes vice-rei da India, refere-se que trouxera de lá, em vez de fortuna mais ou menos bem adquirida, como os outros costumavam, simplesmente agua de quatro dos principaes rios—o Indo, o Ganges, o Tigre e o Eufrates—vendo-se por muitos annos no castello de Peniche quatro pipas cheias com aquellas aguas.

A utilidade das estações maritimas, principalmente como meios preventivos, superiormente restauradores dos organismos predispuestos para a doença, está de ha muito



*A' entrada da villa. Ao longe vê-se um lindo aggregado de habitações, que produzem um bello effeito com as suas paredes todas caiadas de branco
— As photographias dos rochedos mostram bem a rudeza dos gigantescos moles da rocha que se erguem no ultimo extremo occidental da península*



Um grupo de pescadores da villa

averiguada pelos medicos. Os resultados obtidos em todas ellas, e salientemente no magnifico ensaio portuguez de Oeiras, depõem bem alto para que qualquer demonstração a tal respeito não se tornasse inteiramente ociosa. De mais, as qualidades benéficas dos climas marítimos, a sua acção notavel e valiosa, são de ha muito conhecidas geralmente, e não ha quem não saiba já hoje que o mar é um grande medico, capaz de realisar maravilhosas curas. Ora, Peniche póde, no nosso paiz, indicar-se como uma estação modelo

uma excursão a Peniche, composta dos medicos que o teem auxiliado com tanta dedicação na sua campanha e de alguns illustres engenheiros e architectos, que, obedecendo ao mesmo nobre e generoso sentimento, igualmente lhe ofereceram as suas valiosas cooperações, com o fim de darem os seus pareceres technicos sobre a possibilidade do aproveitamento da vetusta cidadella para o fim que deixamos indicado. De todos foi unanime a opinião approvativa e lisongeira a impressão recebida, sendo por isso para desejar que o pensamento concebido não encontre estorvos á sua realisação.



*Um dos quatro baluartes da cidadella fundado sobre a rocha.
Nesta vê-se a abertura de uma gruta*

no genero. O oceano rodeia por todos os lados essa estreita península, isolando-a, portanto, de qualquer contacto terrestre nocivo á manutenção da incomparavel pureza da sua atmospheria marítima. Talvez em nenhuma outra parte do continente haja possibilidade de encontrar uma situação mais adequada e condições tão vantajosas para o estabelecimento de uma colonia marítima infantil.

O *Seculo*, que com tão afincado empenho se vem consagrando á obra patriótica do rejuvenescimento da raça, procurando obtê-lo por meio da protecção methodica da infancia, organisou no domingo, 6 do corrente,

A FAMÍLIA REAL EM CINTRA



Na estação de Cintra: A chegada de Sua Magestade El-Rei e de Sua Magestade a Rainha D. Amelia no dia 10 do corrente

(CLICHÉ DE BENOLIEL)

THEATRO DO AR LIVRE

As representações ao ar livre, que apparecem na origem do theatro, e continuaram a manter-se em alguns pontos das nossas provincias, bem como nos Açores, estão reconquistando direitos de cidade, e desde ha algum tempo pôde dizer-se que se tornaram até moda.

Em França, sob o titulo de *theatre de la nature*, tem se realisado ultimamente bastantes d'essas representações, tendo ficado famosa, por ser uma das primeiras, e pela sua admiravel decoração perfumada e polychroma de rosas, a que teve logar no primoroso jardim de Hail, inteiramente consagrado, por um amador apaixonado, e fervente,

à gloriosa rainha das flores. A ultima, foi a dada agora nas arenas de Besiers com a peça *Premier Glaive*, de Nepoty, e de que um dos nossos correspondentes photographicos nos communica os clichés que reproduzimos.



Mademoiselle Roch, da Comédie Française—Uma scena do primeiro acto: a fuga de Vargas



Grupo de dançarinas guardadores de ovelhas
— Paul Mounet no papel de Rang Astores
(CLICHÉS ROYER).

As representações ao ar livre oferecem um especial caracter de pittoresca originalidade, no qual reside a razão do seu moderno successo. São, além d'isso, uma resurreição dos costumes antigos, e tem, portanto, o encanto que essas revivescencias suggerem sempre ao espirito. Ha n'ellas, mesmo, qualquer coisa indefinida da velha belleza pagã, que se infiltra no pensamento do espectador e acaba por empolgar-o inteiramente. E' facil calcular, por exemplo, a impressão experimentada ao vêr representar a *Salambô* de Flambert nas proprias ruínas de Carthago, como ha pouco tempo succedeu. Que outro scenario poderia comparar-se com esse?! Em que sitio poderia receber-se mais intensa e real a impressão da grande obra do genial mestre?!

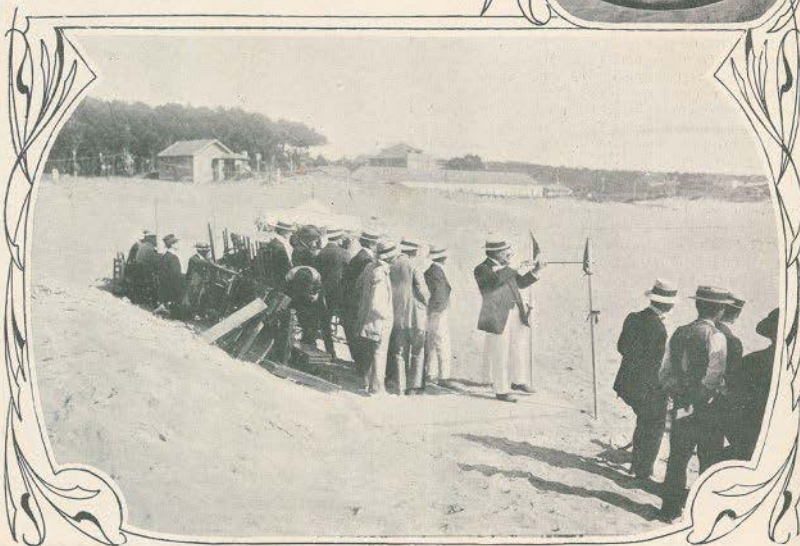
Todas estas qualidades, e ainda o facto, que não devemos deixar de considerar, da persistencia tradicional das representações ao ar livre em Portugal, como já dissémos, parece-nos estar a aconselhar-nos a fazer a sua importação da França, d'onde já nos vem, de resto, modernamente, quasi todos os habitos e costumes theatraes. Vamos a vêr se ha quem se lembre de pôr a idéa em pratica, porque estamos certos de que lhe não faltará uma boa acolhida, e que d'esta vez não poderemos deixar de considerar como realmente merecida. Lisboa precisa de ter tambem o seu theatro ao ar livre, e não lhe faltam decerto sitios bem apropriados para o estabelecer.



PRAIA DA GRANJA TIRO AOS POMBOS



A assistência
«Taça Granja», primeiro premio do torneio (desenho e execução
do artista joalheiro José Rosas)
—O sr. Mario Brito e Cunha fazendo uma pontaria
no concurso de tiro aos pombos realizado
na praia da Granja



NESTLÉ

FARINHA LACTEA

Preço 400 réis

36 medallhas de OURO incluído a conferida na Exp. Agrícola de Lisboa

DISCOS Simplex

De Double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais variado e moderno repertório em musica e canto dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros. Marca registada, propriedade exclusiva de J. CASTELLO BRANCO. — Preços exceptionaes e grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas Grande deposito de discos e machinas falantes. Pedir catalogo

J. CASTELLO BRANCO

Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82

LISBOA



BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO
GOTA
NEURALGIAS

Dr BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacies.



UPHOLSTERER &
CABINET MAKER

Cadeiras

Maple

Sophas chaise-longues e cadeiras com costas articuladas, offerecendo optima commodidade.

Ha sempre variado sortimento de modelos novos, fabricadas em superior chagim de 1.ª e 2.ª qualidade, por preços limitados, attendendo à sua magnifica construção. Decorações completas em estylo inglez. Todos os trabalhos são dirigidos pelo seu proprietario, Gil Dias d'Assumpção, profissional especialista n'este genero de trabalhos. Fornecedor da Legação Britannica e das principaes casas de Lisboa. 35, Rua de Buenos-Ayres, 35. Telephone 4:884 (residencia) Depósito unico do "PIPERINOL" o melhor preparado para dar cor e lustro de encerado em moveis, soalhos e couros.



principaes casas de Lisboa. 35, Rua de Buenos-Ayres, 35. Telephone 4:884 (residencia) Depósito unico do "PIPERINOL" o melhor preparado para dar cor e lustro de encerado em moveis, soalhos e couros.

CASTALANNEIRO L.
ARMADORES - ESTOFADORES
PRACA LUIZ DE CAMOES 38 - LISBOA
TELEPH. 1346
CORREIO TELEGRAPHICO CASTALI

O THESOURO DA CABELLEIRA
Antiséptico
Regenerador
Perfume delicioso
PETROLEO HAHN
Evita a Queda dos Cabellos
Recusar, por serem perigosas e inefficazes, quesequer imitações apresentadas em lugar do verdadeiro PETROLEO HAHN.
F. VIBERT, Lyon (França)
DEPOSITO EM TODAS AS PERFUMARIAS E DROGARIAS.



NOUVEAU PARFUM
VIOLET
29, Bd DES ITALIENS, PARIS

PRINCIA



Agencia de viagens

R. Bella da Rainha, 8 LISBOA

Ernst George

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemannha, Austria, etc., etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito. Cheques para hoteis.

Viagens baratissimas
à TERRA SANTA

INSTITUTO de belleza

UNICA casa do mundo para o tratamento do rosto, hygiene, belleza e conservação da juventude. Productos scientificos invisiveis approvados pelo Laboratorio Municipal de Paris. Apparelhios e productos contra a obesidade e contra a excessiva magreza.

Agua e cremes para branquear a pelle das mãos, luvas e apparelhios para o seu aformoseamento. Quem quizer conservar e embellecer a côr empregue todas as manhas os maravilhosos productos: *Locção Creme e Pó Kiyita*. Instruções para o seu emprego. *Tintura vegetal garantida e inoffensiva*. *Locção capilar* para evitar a queda dos cabellos e para impedir o embranquecimento, dando-lhe a sua côr natural. *Depilatorio perfumado com extracto d'ervas do Oriente* (rosa) para evitar os bellos e fazendo-os desaparecer completamente. O Instituto de Belleza deseja ter agentes nas principais cidades da Europa, preterindo casas perfumistas ou cabeleireiros para effectuarem a venda dos seus productos. Depósitos em todas as principaes cidades da França, da Europa, Estados Unidos da America e no Cairo.

O INSTITUTO DE BELLEZA lecciona e dá curso de tratamento e embelezamento da pelle. Programma e condições. Envia-se catalogo geral a quem o requisitar.

26, Place Vendôme, 26 — PARIS

O MELHOR ALIMENTO

— É O —

Grape-Nuts

PEDI EM TODA A PARTE

Elle vos reconstituirá as fraquezas perdidas, dando-vos idéas novas, boa disposição e melhores digestões.

DISPONIVEL

Concurso de 1908

Condições geraes
LEIAM COM ATENÇÃO
A TODOS CONVENIR SABER

Publicando hoje as condições geraes do nosso certamen, que, graças a sympathia do publico, tem excedido tudo quanto nos era dado esperar, tendo attingido já proporções deveras lisonjeiras, a *Illustração Portuguesa* satisfaz a curiosidade, aliás justificada, de muitos milhares de pessoas que com todo o carinho e interesse tem seguido dia a dia a marcha brilhantissima do Concurso de 1908.

Estas condições, que obedeceram a um átirado e ponderado estudo, devem satisfazer, estamos certos, todos os concorrentes pela sua simplicidade, pela clareza do processo a empregar quanto á distribuição dos premios e pela forma do sorteio.

Concurso de 1908 — Condições geraes

1.º—Tem direito a um premio garantido, dos que fazem parte do Concurso de 1908, todas as pessoas que apresentarem uma das senhas do actual concurso, quer das que já tenham sido entregues, quer das que serão dadas até ao fim do prazo estabelecido para a entrega das cadernetas dos coupons.

2.º—A publicação dos coupons do actual concurso termina: no *Seculo*, no dia 22 de novembro de 1908; na *Illustração Portuguesa*, no dia 23 de novembro de 1908; e no *Supplemento Humorístico*, no dia 19 de novembro de 1908.

3.º—Continuam a receber-se as cadernetas na administração do *Seculo* todos os dias uteis das 10 ás 4 horas da tarde, pessoalmente ou pelo correio, prolongando-se essa recepção até ao dia 30 de novembro de 1908.

NOTA IMPORTANTE — Os concorrentes dos Açores, Africa, Brazil e outros pontos afastados de Lisboa devem expedir as suas cadernetas com a precisa antecedência, para que dêem entrada nos escriptorios do *SEculo* até ao dia marcado, 30 de novembro.

O sorteio

4.º—O sorteio faz-se baseado no plano da loteria do Natal da Santa Casa da Misericórdia.

Como o numero dos concorrentes ao concurso do *Seculo* attinge muitos milhares, as senhas distribuidas formarão séries de 6:800 numeros, tantos quantos são os emitidos pela Santa Casa para a sua loteria do Natal. Esclareçamos ainda mais, porque, n'estas coisas, o ser prolixo constitue uma necessidade.

A loteria do Natal tem 6:800 bilhetes. Pois cada uma das nossas séries será constituida por 6:800 senhas,

numero precisamente igual ao dos bilhetes da referida loteria.

Assim, é claro que emitiremos tantas séries quantas as que se contiverem dentro do numero avultado dos concorrentes ao nosso mensal concuro.

Feito isto, não é menos evidente que ao numero do primeiro premio da loteria do Natal devem corresponder tantos numeros eguaes do nosso concurso quantos os das séries emitidas. Suppondo que, por exemplo, distribuimos 30 séries, haverá 30 primeiros premios a que os concorrentes terão direito, e assim, evidentemente, surdeira para o segundo, terceiro, etc., premios.

Assim classificados os concorrentes, proceder-se-ha a um sorteio especial. N'elle entrarão successivamente: primeiro, os que obtiverem direito a primeiros premios; segundo, os que obtiverem para os segundos premios, e assim por diante.

Por cada grupo serão distribuidos, attendendo á sua classificação, os premios do concurso, recebendo cada um dos concorrentes aquelle a que o sorteio lhe der direito.

E' ainda evidente que para o primeiro grupo, quer dizer, para tantos quantos possuam senhas com o numero igual ao primeiro premio da loteria do Natal, serão escolhidos os melhores premios d'entre os muitos incontestavelmente valiosos do nosso concurso; para o segundo grupo os de valor immediatamente inferior, e assim successivamente. O nosso sorteio especial será feito para os 42 primeiros premios do plano da loteria do Natal da Santa Casa da Misericórdia e para as 6 aproximações dos 3 primeiros premios, publicando-se anticipadamente a classificação dos nossos premios que formam as diferentes séries correspondentes ao que acima fica estabelecido.

Para todos os outros premios estabelecidos no plano da loteria do Natal da Santa Casa da Misericórdia haverá também premios especiaes formando grupo aparte.

Como todos os concorrentes do Concurso de 1908 tem direito a um premio, todos aquelles concorrentes cujas senhas não tenham numeros dos premiados pela loteria do Natal da Santa Casa da Misericórdia receberão premios genericos, isto é, de valores eguaes ou approximados entre si.

O segundo sorteio, isto é, o nosso, será publico, presidido por um jury idoneo, composto dos principaes commerciantes de Lisboa, com a assistencia das autoridades.

As listas dos premiados serão publicadas no *Seculo* successivamente, porque, attendendo ao seu numero avultado, não poderiam ser publicadas d'uma só vez.